

Autros de Co
Sanct. de festico

X

Laminis
ca. 172

B. Rodriguez

Nº 4 132412 1980

SERMÃO

QUE O PADRE

ANTONIO DE SAA

DA COMPANHIA

DE IESV

PREGOV A IVSTICA

na Sancta Sè da Bahia

*Na primeira Oitava do Spiritu-
Sancto.*

LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de Henrique Valente de Oli-
ueira. Anno 1658.

SERMÃO
O VEO PADRE
ANTONIO DE SAA
DA COMPANHIA
DE IESU
PREGOV A IVSTICA
TR SERRA SCS BAHIA
No Sermão de S. Antonio

P Ode correr este Sermão. Lisboa 7. de Junho de 1658.
Diogo de Sousa. Fr. Pedro de Magalhães.
Luis Alvarez da Rocha. Pedro de Castilho.

T Axão este Sermão em vinte reis. Lisboa 8. de Junho de
1658.
Mattos. Marchão. Sousa. Velho.

I.
*Apparuerunt dispertitæ linguæ tanquam ignis, sedit-
que supra singulos eorum. Actorum. 2.*
*Hoc est autē iudiciū; quia lux venit in mundū, & dile-
xerunt homines magis tenebras quā lucē. Ioan. 3.*



O Amor diuino cōsagra hoje a Iustiça humana esta presente solemnidade. Necessario he, que o aduertamos, pois considerada atentamente esta acção, parece que implica, que tenha por principio a Iustiça, quando tem por termo ao Amor: ou que tenha por termo ao Amor, quando tem por principio á Iustiça. Amor presidente da Iustiça? a Iustiça assistida do Amor? Cuidaua eu, que nenhũa cousa conformaua menos com a Iustiça, que o Amor; & o nosso segundo thema assi o diz expressamente. Porque se bem notarmos, toda a razão, ou toda a sem razão, porque no juizo que os homens fizerão acerca das treuas, & da luz, a luz sahio condenada, & as treuas applaudidas, foi porque nesse juizo derão os homens ouuidos ao Amor; *dilexerunt homines*; & quando o Amor procede tão erradamente nas resoluções, que condena bellezas de luz, & applaude fealdades de treuas, não parece acertado, que à Iustiça presida o Amor.

Ora com isto se representar assi, com ter o Amor tãta cōtrariedade com a Iustiça, digo cõtudo, que nos Tribunaes da Iustiça bẽ se pòde admittir o Amor. Por esta parte está o primeiro thema. Diz o Euangelista S. Lucas, que o

A Amor di-

Amor diuino quando veyo sobre o Collegio Apostolico, q̄ se assentára: *Sedit*. O Amor assentado? logo assiste como em tribunal o Amor. A consequencia não tẽ menor fiador, q̄ S. Cregorio, por ser como elle diz, a postura de assentado propria de quẽ julga: *Sedere iudicantis est*. Pois se o Amor diuino ostenta a authoridades de Iuiz, não he incõpatiuel a Iustiça cõ o Amor? Antes nẽ a Iustiça distributua, nẽ a punitiua se deue executar só pellos dictames da sabedoria sã interuẽção do Amor. Pello menos assi o pratica o supremo Iuiz Deos. Quãdo o Eterno Pay cõsultou o beneficio da criação, tão admitio na cõsulta o voto de seu Amor, como o voto de sua sabedoria, q̄ ao Filho, & ao Spiritu Sãcto querẽ todos q̄ cõsultasse naquellas palauras: *Faciamus hominẽ ad imaginẽ, & similitudinẽ nostrã*. Quãdo o mesmo Senhor decco a deuassar de Sodoma para seu castigo, trouxe tambẽ por adjunctos sabedoria, & Amor, q̄ a todos tres em disfarce de humanos adorou Abrahão: *Apparuerũt ei tres viri stãtes prope eum*. De maneira, q̄ nẽ aos beneficios, nẽ aos castigos procede Deos sã ouuir a seu Amor. E porq̄ razão ha de enteruir o Amor na repartição dos faouores, & na execução dos castigos? Porq̄ castigar sã amor, he passar àlẽ de justo: dar sem amor, he ficar àquẽ de liberal: no primeiro vay muito escrupulosa a justia; no segũdo vay pouco a irosa a liberalidade, & nem à justia estão bem escrupulos, nem à liberalidade defares.

Mais toda a razãc; porq̄ ordinariamẽte desterrão todos dos tribunaes ao Amor, he porq̄ como seja hũ affecto cego, nẽ pòde ver a quẽ he justo, q̄ se dẽ o premio, nẽ a quẽ he licito q̄ se dẽ o castigo; & por isso castigarã talvez benemeritos, & premiarã delinquẽtes. Esta he a causa total, porq̄ o Amor se lãça fóra dos juizos. Logo se houuer hũ amor, q̄ veja merecimentos para premiar, & delictos para

para ouir, bem poderá este amor entrar nos tribunaes. Pois siga o amor as luzes do entendimēto, regule se pellos arbitrios da razão, q̄ logo acertará a repartir premios, & a julgar culpas. Ao Spiritu-Sãcto deu o Eterno Pay o despacho das mercês: *Dator munerū*. Ao mesmo encarregou o juizo da infidelidade, q̄ o mūdo cometeo cōtra o Verbo Encarnado: *Arguet mundū de peccato, quia nō crediderūt in me*. Pois ao Amor se entrega a repartição dos premios? Ao Amor se encomēda o exame de culpas? Se he Amor, como he possiuel q̄ ache em ninguē delitos para punir? E como he possiuel, q̄ não ache em todos meritos para premiar, se he Amor? Como? Porq̄ he Amor q̄ se ajusta muito cō a razão. O acto da vontade, pello qual o Spiritu-S. procede formalmente Amor, regula se de tal maneira pello acto do entendimēto, q̄ sómente quer, o q̄ o entendimēto conhece: & Amortão cōforme cō a razão Amor q̄ só sabe querer, o q̄ a razão chega a alcãçar; bẽ pòde ser admitido ao despacho das mercês, & ao juizo das culpas: porq̄ como tão discreto nẽ desconhecera meritos para o premio, nẽ dissimulara culpas para o castigo. Seja pois o Amor humano chama entēdida, & cō ter depēdēcia da vōtade para a realidade do ser, depēda todo do entendimēto para os acertos do obrar, & vote embora este tal Amor nos tribunaes da Iustiça, q̄ como tão derigido pella razão não pòde errar como cego, senão acertar como lince. Isto posto bẽ se deixa ver, q̄ não se cōtrariaõ de tal sorte Amor, & Iustiça, q̄ não possa hauer Iustiça õde ha Amor. E se os empenhos do Amor pòde estar cō as inteirezas da Iustiça, não ha q̄ cōdenar em q̄ a Iustiça humana dedique hoje suas celebridades ao Amor diuino. Atèqui a repugnância da eleição: vamos agora à elejção dos temas.

Verdadeiramente q̄ me vi embaraçado no cōcurso de tão encōtrados textos, como são o da festa, & o do dia. A

Eccle-
sia in
hymno

Ioan.
16.

he tratar da Iust'ça; o texto da festa descreue hũa Iust'ça acertada; o texto do dia propoẽ hũa errada iust'ça. Erros, & acertos como se hão de vnir? Ora para que a festa, & o dia ambos influão na obrigação, determino seguir hũ, & outro texto: o texto da festa, o do Amor diuino, mostrará á Iust'ça o que deue fazer: o texto do dia, o do Amor humano, mostrará o que não deue fazer a Iust'ça, vamos com elles, sem nos apartar hum ponto.

*Apparuerunt dispertitæ linguæ, tanquam ignis, sedit-
que supra singulos eorum.*

A Pparecêrão repartidas lingoas como de fogo, & assentou se sobre cada hum dos Apostolos. A primeira cousa em que reparo, he naquelle, *apparuerunt. Apparuerunt?* Apareceo o Spiritu-Sancto? A que fim tãta pressa em vir, q̃ pòde correr o chegar por hũa apparição repêtina? Não estauão melhor a tão soberana pessoa pausados passos em decer, do que pouco magestosas pressas em baxar? Para q̃ affecta velocidades, quando deuia anhelar pausas? Para q̃? Eu o direi. Suspiraua aquella feliz jũta hauia já dez dias pello despacho deste fauor, & he tão custoso esperar por hũ despacho, q̃ por lhe dar expedição, se apressou o Spiritu-Sancto cõtra cõueniências de S. Magestade na decida. E este he o primeiro auiso, q̃ dá aos tribunaes da terra, q̃ não se dilatẽ nelles cõ importunas tardanças os despachos, senão q̃ se abreuie cõ diligẽte cuidado: porque na verdade não sabe o que custa hum despacho retardado, quem retarda hum despacho.

Luc. 22 Entra Christo no Horto, & pretendẽte solícito de sua vida, mete petição a seu Eterno Pay, para q̃ se lhe escuse a morte: *Pater trãsfer calicẽ istũ á me.* Tres horas cõtinuou na pretẽção, & na vltima abertos os poros do corpo regou
com seu

5

seu sangue a terra. *Factus est sudor ejus, sicut gutta sanguinis decurrentis in terrā.* Valhame Deos q̄ he o q̄ a tormenta tanto a Christo? q̄ he o q̄ tanto o martiriza? Aqui não ha lâça para o peito, aqui não ha cravos para as mãos, aqui não ha açoutes para o corpo: pois dōde afflicção tão vehemēte? dōde sentimēto tão agudo, q̄ se lâça derrama sangue o peito, se cravos corre das mãos; o sangue, se açoutes brota em sangue todo o corpo? Dōde? Não ha tres horas q̄ pede instātemēte a vida, se pre lhe diffirão ao despacho? Pois afflige tão hū despacho dilatado, q̄ cō ser a dilação só de tres horas, custa a Christo o sangue das veas. E se pretēder tres horas molesta cō tão excessso, q̄ será pretēder annos inteiros? Se horas de requerimēto chegão a tirar sangue, annos de requerimento q̄ farão? Aprestemse os Ministros em despachar, para q̄ não penē os pretēdentes em requerer. E verdadeiramente q̄ não vi cousa menos para prolongada, que hūa pretensão. Ou o pretēdente ha de conseguir, porq̄ merece, o q̄ procura: ou não ha de conseguir o q̄ procura, porq̄ não merece; se ha de cōseguir, para q̄ he dilatarlho? se não ha de cōseguir para q̄ he suspendelo? Ou despachar logo cō o desengano, ou com a mercē; porque negar logo o que se pretende, pode ser beneuolencia de quem ama; & conceder tarde o que se deseja, parece graça de quem zomba.

Aquelles dous discipulos mui queridos do Senhor, João, & Diogo atreuerão se hūa hora a pedirlhe os dous melhores lugares de seu Reyno: *Dic, ut sedeāt hi duo filij mei, unus ad dexterā tuā, & unus ad sinistrā in regno tuo* Ma. 20
E q̄ respōderia o Senhor a esta petição? hū manifesto desēgano: *Nescitis quid petatis.* Não sabeis o q̄ pedis, desisti do q̄ pretēdeis. E bē Senhor a hū Diogo tão fauorecido, a hū João tão amado cō essa sequidão negais o q̄ procurão? isso he amar? isso he fauorecer? Si, q̄ se não hão de conse-

o que desejava, porque estão outros merecimentos diante: *Quibus paratum est à Patre meo*: não he pouco favor desenganalos, & fora muito martyrio suspêdelos. Que de ansias não custàra a estes dous Irmãos, se tratára Christo de os deixar suspêsos entre duuidosas esperanças? quaes andarão atormêtados em perpetuos desuecos, se hauer de alcãçar aliuio de seus cuidados? Pois bem mostrou o Senhor, q̄ os amaua, quando cõ tãta pressa os deseganou resoluto, para q̄ não padecessen os trabalhos de procurar, quando tinhão impossivel a felicidade de cõseguir. Alêtar me enganofamête cõ esperanças a q̄ prosiga, quando não hey de alcãçar o q̄ espero, não he favor de amigo, he odio de cõtrario, pois me faz padecer ansias, não hauêdo de gozar intêtos. Melhor he deseganar logo, porq̄ se bẽ não cõseguir o pretendido, he desgraça; deixar de pretender baldadamente, he vêtura. Pois q̄ cõceder o pedido, se he tarde, mais pareça zombaria que mercê; eu o prouo.

Genes.
21.

Desejava Sara hũ filho como a successão de sua casa, & ao cabo de nouêta annos de idade, & os mais delles de desejos, lhe prometeo hũ Anjo, q̄ Deos lhe daria o fruto de bẽção. E vêdo se já Sara cõ hũ filho nos braços deulhe nome de riso, dizêdo q̄ lhe fizera Deos hũa zõbaria: *Risum fecit mihi Deus*. Pois Sara, agora q̄ deueis agradecer a mercê, offêdeis cõ a desestima? Têdes hũ filho, q̄ tãto desejavaeis, & aualiais o favor por coufa de riso, *risum fecit mihi Deus*? Si, q̄ foi favor cõcedido muito ao tarde. Não hauia tãtos annos, q̄ Sara pretêdia successor para sua casa? Não alcãça agora despois de tãta dilação o q̄ procuraua? pois por isso estima como riso a mercê, porq̄ hũa mercê sũmamête prolõgada, mais parece graça de quẽ zõba, do q̄ despacho de quẽ fauorece. Se a natureza já não permite alêtos a Sara para sustêtar a seus peitos o filho, q̄ vẽ a ser
essa

7
essa dadiua, senão zōbar ao parecer de Sara? Se o Minis-
tro cō seus vagares deixou crescer tão nos annos o pre-
tendente, que às vezes lhe não fica tempo para gozar do
fauor, q̄ v̄e a ser esse despacho, senão galãtear do pretē-
dēte? E daqui nace q̄ as mercês muitas vezes não obri-
gão, porq̄ as mercês para obrigarē, haõse de estimar co-
mo taes, & quando se cōcedē ao tarde não se reputão por
mercês, como he possiuel q̄ as mercês obriguē? Apre-
dão pois os perfeitos Ministros da terra, do grãde Princi-
cipe do Ceo o Amor diuino a abreuiar cuidados amēte
os despachos. Se no pretendēte ha meritos, seja o mesmo
requerer, q̄ alcãçar: senão ha meritos no pretendēte, sigase
o desenganar ao pedir. Porq̄ desta maneira a todos se faz
fauor; ao premiado, porq̄ alcãça sē ansias o que merece:
ao desenganado, porque escusa cuidados em diligēciar
o que não ha de conseguir.

Nem pareça que só conuem pressas à Iustiza no des-
pacho das mercês; tambem lhe conuē na expedição das
causas. E a razão he porque alē dos gastos, & danos q̄ or-
dinariamente resultão da tardãça das causas, padecem as
partes hũa suspensãõ, em quanto duuidão, se sahira jul-
gada por si, ou cōtra si: & he tão terriuel o tormento de
hũa duuida, q̄ posta de hũa parte a certeza de hũa sentē-
ça cōtra a mesma vida, & da outra hũa suspensãõ dessa sē-
tença, mais molesta esta suspensãõ, que aquella certeza.

Entre indecentes festas se acha el-Rey Balthazar as-
sistido dos Grãdes de sua Corte, quando hũa mão cō pou-
cas letras, q̄ formou na parede fronteira, lhe causou tão
singulares assombros, q̄ pallido o rosto, attonitos os olhos,
inquietao o coração, tremulos os membros, & pasmado
o discurso, mādou a gritos q̄ viessem os Sabios para ex-
plicar aquelles ignorados characteres. *Tunc facies Regis Dan. 5.*
cōmutata est, & cogitationes ejus cōturbabant eũ, & cōpages

renū ejus soluebatur. Entrou o Profeta Daniel, & interpretando os tremēdos rasgos daquella fatal pena, lhe disse ao perturbado Rey, q̄ aquellas letras cōrinhão final sentença cōtra sua vida, & cōtra seu Imperio. *Diuisū est Regnū tuū.* E q̄ faria Balthazar neste Passo? Sē duuida q̄ creceriaõ os pasmos, & reduzido a desmayos o esforço, se rēderia de todo ao sētímēto. Antes foi tãto ao cōtrario o successo, q̄ postos de parte os afsōbros, como se a explicaçãõ cedera muito em seu fauor, mādou vestir de purpura, & ornar cō joyas ao Propheta: *Tūc jubēte Rege indutus est Daniel purpura.* Pois Balthazar, q̄ diuersidade he esta? Pouco ha tãto inquieto, agora tãto desafsōbrado? Duuida Balthazar se serã a escritura cōtra si, & affligese: entēde Balthazar, q̄ he cōtra si a criatura, & sosegase? Antes tudo afsōbros, agora nenhūs pasmos? Assi hauiã de ser, porq̄ essa differença vay de viuer suspēso a depòr duuidas. Em quãto Balthazar via mouer aquella formidauel maõ, cada letra q̄ se formaua na pare de era hūa suspēsaõ, em q̄ lhe punhão a alma: agora q̄ Daniel explicou os charãcteres jã sabe que firmou aquella pena sētēça cōtra sua vida, & atormenta tãto mais a incerteza de hūa suspēsaõ, do q̄ ainda a infalibilidade da morte, & a perda de hū Reyno, q̄ quando Balthazar duuida do Reyno, & da vida, entãõ treme; & quando estã certo de perder vida, & Reyno, não pasma. Tãto rigurosa pena he vacillar, que mais o molestou hūa suspēsaõ duuida, do q̄ o maior dano certo. E a razãõ o pede assi. Porq̄ quē estã certo, padece hū só mal, q̄ he o de q̄ tē certeza; quē vacilla, padece quãtos males a imaginaçãõ liuremente lhe representa; & como o imaginar seja hūa paixãõ viua, q̄ auisã a todas as razoēs do sētímēto, hūa espōja de tristezas, q̄ anda a chupar pezares, claro estã q̄ mais hãõ de martyrizar os males duuidosos da imaginaçãõ, do q̄ o maior mal certo na realidade. Pois para q̄ as

Partes

Partes escusem estas penosas duuidas, & molestas suspensões, saiba logo o litigante de seu lucro, ou de sua perda; entenda logo o delinquentê se ha de padecer o castigo, ou liurar da pena, para que hũ, & outto na certeza de seu mal ou de seu bem, deponha as trabalhosas afflicções de hũa duuida. Que por liurar aos Apostolos de suspensas esperanças, apressou o Amor diuino tanto os passos, que com ser esperado, pareceo repentino, *Apparuerunt.*

Dispertita lingua tanquam ignis. Apareceo o Spiritu-Sãcto em lingoas como de fogo. Não erã lingoas de fogo, senão como de fogo: tinhão de luz a realidade, & de fogo só as apparências. O q̄ estremado documêto este para a Iustiça! Não ha de ser a lingua de hũ Iulgador, ainda quando fulmina mortaes sentenças, lingua de fogo, q̄ abraze; tão tẽperado ha de ir o rigor cõ a brãdura, q̄ só nas apparências leue o castigo inclemências de fogo. Não he bẽ q̄ seja vulgar a piedade, porq̄ tãta crueldade he perdoa a todos, como não perdoar a ninguẽ: mas he bẽ q̄ os rigores da justia se temperem cõ a suauidade da misericordia.

Là vio Isaias leuãtarse o Reyno de Christo, á maneira de hũa vara: *Egredietur virga de radice Iessé:* mas logo lhe diuisou ao pè hũa bella flor; & *flos de radice ejus ascendet.* Para q̄ a suauidade da flor mitigasse a dureza da vara: que tratar de ferir sòmẽte como vara, sã attẽder a cõsolar como flor, mais he impiedade de tyrãno, q̄ inteireza de justo. Fira embora a vara quando he necessario, mas sintãose tãbẽ ao bater flores q̄ recreẽ, & não só asperezas q̄ molestẽ; q̄ hũ rigor modificado entre brãduras, he todo o primor da justia. Quando Deos deceo a intimar os merecidos castigos ao pouo Hebreo, notou o Propheta Ezechiel, q̄ da cintura para baixo despedia abrafadoras chamas: *Ab*

aspectu lūborū ejus, & deorsū ignis: mas q̄ da cintura para

Isaias
II.

Eze-
chiel.8.

Ita The
odosion.

cima respirava viração fresca: *Alūbis ejus, & sursū quasi aspectus aurae.* Mysterioracōposição por certo! Tãta viração cō tãta chama? tãto calor de incēdio cō tãto refrigērio de ar? Assi modera Deos os rigores de sua justiça cō a benignidade de sua misericordia. No mesmo tēpo, q̄ arroja chamas justicofo, refresca viraçõēs benigno, para q̄ a frescura do ar mitigue os ardores do incendio. Que diuino modo de castigar! Ar, & fogo; fogo para o tormento, ar para o aliuio. Por isso Dauid dizia, que Deos tor-naua os rayos em chuva: *Fulgura in pluuiam fecit.* Quē vio já mais rayos desfazerse em agoa? Quem vio já mais coriscos desfatarse em orualho? Mas saõ rayos de Deos justicofo, mas saõ coriscos do soberano Rey indignado: que de tal maneira mistura asperezas com piedades, q̄ a mesma chama do rayo traz com si o refrigerio da agoa, & o mesmo ardor do corisco a frescura do orualho. Não arremessa consumidores rayos sem chuua, que lhes mortifique a chama: não despede acezos coriscos sem orualho, que lhes diminua o calor.

Assi procede nos castigos a Iustica do Ceo: assi proceda nos castigos a Iustica da terra. E para que mais facilmente vna piedades com rigores, entrem nos Tribunaes os Julgadores com o que saõ por dignidade, & cō o que saõ por natureza. Os Julgadores saõ em hũa como encarnação politica Deoses, & homens: por dignidade saõ huns como Deoses na terra: *Ego dixi: Dū estis vos.* Por natureza saõ homens como os demais. Pois com tudo isso, com a dignidade, & com a natureza, como Deoses, & como homens, como homens diuinos, & como Deoses humanos assistião ás acçoens de juizo, para que a humanidade do ser, modifique a inteireza da dignidade. Não deponhão a igualdade de humanos,
para

para se reueftirem só da soberania de diuinos, que para julgar homens, não seruem diuindades adeofadas, Deoses humanados si.

O Padre Eterno, diz Christo, não julga a ninguê, mas todo o poder de julgar cometeo ao Filho: *Pater non iudicat quemquam, sed omne iudicium dedit Filio.* E porque não tomou o Pay para si o officio de julgador; porque o deu sómente ao Filho? O mesmo Senhor o diz: *Quia Filius hominis est.* Porque o Pay he sómente Deos, o Filho he juntamente Deos, & homem, & hum composto homem Deos, hum Deos humanado, he o que se requiere para julgar homês. E isso porque? *Ne indignationis divina vinum in homines merum effunderetur, sed humanitatis suo in illud transfuso misceretur:* responde hum engenho grande da Companhia. Entregase o julgar homens a hum Deos humanado, para que a semelhança do ser humano tempere a indignação do ser diuino; & de tal modo proceda ao castigo como Deos justo, que propenda tambem à piedade como homem compassiuo. Assistão pois os Iuizes nos Tribunaes como Deoses, & como homens, não dispão a sustancia de humanos, que são por natureza, por se mostrarem sómente diuinos, que são por dignidade, ajuntem hũa, & outra cousa, que logo ajustarão seueridades com branduras. Como Deoses decretarão justos, como homens compadecerseão piadosos: a dignidade os leuará ao castigo, a natureza lhes persuadirá a benignidade: que sustancia de luzes, & só accidentes de fogo lhes aconselha o amor Presidente: *Dispertita lingue tanquam ignis.*

Sedit que. Apparecêrão muitas linguas, & assentouse. Quem não repara nesta composição de palauras? Apparecêrão linguas, & assentouse? E assentarão se parece q se

Ioan. 5.

Velas-

quez

tom. 2.

in Epist

ad Phi-

lip.

hauia de dizer. Ora bem dito está: porque se este Amor soberano veyo a instruir as Iustças da terra, ainda que as lingoas em que appareceo erão muitas, hauia-se de dizer que se assentou, & não que se assentárão; porque nos Tribunaes ainda que se jão muitos os Julgadores, ainda que as lingoas se jão muitas, *dispertita lingua*, deue com tudo ser hũa a acção, hũa a voz, & hum o assento: *Sedit que*. Na mesma criação do mundo praticou Deos esta importante politica: *In principio Iudices creauit cælum, & terram*. Assi lê o Hebreo, & vem a dizer assi: no principio os Iuizes criou? peregrina grãmatica! Se erão muitos os agentes, *Iudices*: como singular a acção, *creauit*? Ou se singularize o agente, pois se singulariza a acção; ou se multiplique a acção, pois se multiplicação os agentes: mas com operação vnica agentes muitos? E com muito acerto. Não entrárão esses agentes a obrar como Iuizes, *Iudices*? pois coherentemente hauia de ser a operação hũa, *creauit*; que he timbre de Iuizes perfeitos, ainda que se multipliquem nas pessoas, singularizar-se na acção. Não se hão de diuersificar nas operaçoens de Julgadores, assi como se diuersificaõ no numero: no numero sejaõ embora muitos, o obrar ha de ser vnico. Hão de concordar nõ que assentaõ, ainda que não concordem no que saõ.

Quando Deos desterrou a Adam do paraizo, poz em sua guarda muitos Cherubins, como querem todos os expositores fundados na força da lingua Hebreo, & a todos armou com hũa espada. *Collocauit ante paradisum Cherubim, & flammeum gladium ad custodiendam viam ligni vite*. E a que fim se assinala hũa só espada para tantos Cherubins? Se os Cherubins não necessitaõ de

de armas, ainda hũa espada he superflua: & se necessitaõ de armas os Cherubins, como se dà para tantos hũa espada? Que quer dizer os Cherubins muitos, & a espada vnica? Que quer dizer? Eu o direi. A espada he a sentença, que se fulminou contra Adam, como quer Ruperto: *gladius sententia est*: os Cherubins saõ os Iuizes executores dessa sentença; & como os Cherubins sejaõ os Iuizes, & a espada seja a sentença, armãose muitos Cherubins com a mesma espada, porque se deuem vnir na mesma sentença muitos Iuizes. Varios Ministros de sua Iustiça destina Deos; Cherubim: mas a todos entrega hũa só espada; *flammeum gladium*: para mostrar, que se deuem conformar tanto entre si os Iulgadores, que ainda que se distingã no ser, se identifiquem no sentenciar. Taõ concordés haõ de julgar, que se ajuste cada hum, quando he justo com o sentimento de todos, & todos com o de cada hum, para que desta conformidade de juizos saya a resolução taõ hũa, que sendo varios a resolver, pareça que não resoluem varios.

E a mesma razão, a meu ver, dita esta conformidade: Pergunto: os Iulgadores porque saõ Iulgadores? pello que saõ por sua pessoa, ou pello que saõ por seu officio? He certo, que pello que saõ por seu officio, porque o officio, & não a pessoa os constitue Iulgadores. Assim pois se o officio he o mesmo, porque não ha de ser a determinação a mesma? Se o officio he hũ em todos, porque ha de ser o parecer em cada qual vario? Pelejaua Iosué cõtra os Amorréos, & quando começaua a declarar-se por sua parte o triũpho, hia já o Sol entibiãdo suas luzes, & vêdo o generoso Capitão, q̃ as sõbras haviã de ser ao inimigo refugio, ordenou ao Sol, q̃ parasse, & a Lua que

que se detiuesse: *Sol contra Gabaon ne mouiaris, & Luna contra vallem Aialon.* Escusada detença a da Lua. Se o intento todo de Iosué era dilatar o dia para consumir victorias, a que fim manda parar a Lua? A Lua não faz o dia, o Sol si: pois se lhe bastaua o Sol detido, para que solicita a Lua parada? Porque não parára o Sol, senão parára a Lua, responde Abulense: *Quia ea mota credebat mouendum Solem.* Bem: mas porque não parára o Sol, senão parára a Lua? O Sol não he planeta diuerso? Não reside em diferente esfera? Pois porque senão deteria o Sol, ainda que não se detiuesse a Lua? Porque? porque tẽ ambos o mesmo officio de presidir ao mundo, & como em ambos he o officio o mesmo, por isso a acção hauiã de ser a mesma em ambos. Para parar o Sol, não se hauiã de mouer a Lua; & a mouer-se a Lua, não hauiã de parar o Sol: que como tem hum, & outro a mesma jurdição sobre o mundo, tem o mesmo parecer acerca do mundo hum, & outro. Pois se o poder he o mesmo, se he o mesmo officio nos julgadores, porque não ha de ser a resolução a mesma? Identifiquem-se no sentencear, assi como se identificação no presidir. O Sol, & a Lua são planetas diuersos, & com tudo não seguem no obrar a natureza em que se distinguem, senão a jurdição em que se unem. Se são os Julgadores diferentes no ser, deuem com tudo ser o mesmo no julgar, porque as acçoens de juizo não seguem o ser em que são diuersos, senão o officio em que são o mesmo.

Ouui para ultima confirmação do que dizemos hũa cousa grande. De dous modos se considerão na Theologia as Pessoas diuinas: ou se considerão por ordem a si, que val o mesmo, que *ad intra*; ou se considerão por ordem ás criaturas, que val o mesmo, que *ad extra*. Em quanto

quanto as Pessoas diuinas se considerão por ordem a si, não se unem nas operaçoens: porque o Pay gera, & nẽ o Filho, nem o Spiritu-Sancto gerão: o Pay, & o Filho spirão, & a terceira Pessoa não spira. Tanto que as Pessoas diuinas se considerão por ordem às criaturas, logo se unem nas acçoens; porque pella mesma acção crião, pella mesma acção conseruão, pella mesma acção gouernão o mundo todas tres. De sorte, que por ordem a si obrão as Pessoas como distinctas; porém por ordem ao mundo não obrão como distinctas as Pessoas. Que perfeita idea de Ministros publicos! por ordem a si proceda cada qual como diuerso, mas por ordem ao goerno procedão todos como se forão o mesmo. Não se ate cada hum a seu parecer no que toca ao regimento dos pouos, que isso seria não attender aos pouos, senão a si: unaõse todos conformemente no que se julgar melhor, que isso he não se respeitar a si, senão aos pouos. Ainda não està dito tudo. E porque razão tem as Pessoas por ordem a si operaçoens particulares, & porque razão não tem as Pessoas por ordem ao mundo particulares acçoens. A razão altissima he esta. As operaçoens *ad intra* seguem a pessoa; que por isso o Filho, & o Spiritu Sancto não gerão, porque isto que he gerar acompanha o ser Pay. As acçoens *ad extra* seguem a Omnipotência. que por isso o Pay, & o Filho, & o Spiritu-Sancto gouernão com absoluto dominio ao mundo, porque saõ Deos Omnipotente: & como as operaçoens *ad intra* sigão a pessoa em que se distinguem, tem as Pessoas por ordem a si operaçoens particulares: & como as acçoens *ad extra* sigão o poder em que se identificão, não tem as Pessoas por ordem ao mundo particulares acçoens. Este exemplar diuino imitem os Ministros humanos. Supposto

posto que as acçoens de Iustica, seguem o officio, & o poder em que são o mesmo, & não a pessoa em que são diferentes, seja a acção hũa em todos como he o officio, & não diuersa em cada qual como he a pessoa. Operaçoens particulares conuem quando muito aos Ministros só por ordem a si, porque só por ordem a si são as operaçoens propriedade da pessoa: mas em entrando na direcção da Republica, não haõ de ter mais que hũa acção, porque obrão em quãto tem o mesmo poder. Não doutra maneira, que as lingoas em que deceo o Amor diuino Presidente, que com serem muitas no numero, *dispertita lingua*: com tudo como eraõ o mesmo no officio de arder, *tanquam ignis*; forão tambem na acção o mesmo, *sedit que*.

Supra singulos eorum. Deceo o Spiritu-Sancto sobre cada hum dos Apostolos. Não communicou fauores sómente a huns, com todos repartio igualmente suas graças: que quem vinha a instruir justiça, não hauia de fomentar desigualdades; porque desigualdades, & justiça são cousas, que repugnaõ entre si. A vara da Iustica ha de ser igual: nos fauores toda para cada hum: nos castigos a mesma para todos; que levar huns toda a brandura, & outros o rigor todo, isso he ser vara de injustica. Assi como se ha hum homem que volteia sobre hũa marmora, que para não cair, todo seu cuidado poem em não inclinar mais a hum lado, que a outro, senão librar igualmente em ambas as maõs a vara de que se val: assi se haõ de hauer nos Tribunaes os Julgadores, diz a eloquencia Grega de Nazianzeno: a vara da justiça igual na maõ, & não propender mais para huns, que para outros, senão repartir com todos o affecto, & alcançar cõ a seueridade a todos,

S. Greg
Naz.

Man-

Mandou Deos a Moyses, que subisse ao monte Nebo, & q̄ alli morresse: *Ascende in montem, & morere in monte.* Subio Moyses, & morreo: muito elle diz o texto, q̄ o veio Deos enterrar em hū valle: *Sepeliuit eū in valle terra Moab.* Reparo: se o manda morrer ao monte, para que o vem enterrar no valle? E se o queria enterrar no valle, para que o mandaua morrer no monte? Ou o sepulte Deos no monte onde morre Moyses, ou morra Moyses no valle onde o sepulta Deos: mas a morte no monte, & a sepultura no valle? Si, q̄ he Deos muito justo, & muito igual. A montes, & a valles honraua Deos cō as glorias de Moyses em vida, porq̄ não só o monte onde as recebeo, mas tambem o valle onde as manifestou, vio a Moyses cercado de fermosas luzes: *Cumque descenderet de monte, ignorabat quod cornuta esset facies sua ex consortio Sermonis Domini.* Assi? pois sintão tambem valles, & montes as tristezas de Moyses em morte. Nē as glorias só para o monte, nem só para o valle as penas. Sepultar a Moyses no monte onde morre, era ficar o valle com as ditas, sem lhe alcançarem os danos: morrer Moyses no valle onde o sepultão, era ficar o monte com as luzes sem lhe alcançarem os lutos; & não faz Deos essas injustiças. Monte, & valle participem resplandores de Moyses viuo, valle, & monte chorē sentimentos de Moyses morto. Chore o monte a morte de quem o ennobrecco na vida, lamente o valle sepultado a quem o authorizou luzido. Eis aqui a igualdade com q̄ Deos procede: nem as beneuolencias todas a hūa parte, nem os rigores todos a outra: a todas as partes a beneuolencia, & o rigor a todas as partes. Assi procedão tambem os que tem o nome de justos no mundo. Nem todo o fauor para o monte leuantado, nē toda a seueridade para o valle

Deuter.

32.

Deuter.

34.

Exod.

34.

o valle humilde : experimente o valle ao Iulgador tão beneuolo como o monte, & sinta o monte ao Iulgador tão fevero como o valle.

Imitem as obrigaçoens politicas dos Tribunaes ao genio natural do Ceo. Quando no Ceo amanhece o Sol, a todos aquece: quando o Ceo choue a todos molha. Não lança para hũa parte a luz, & para outra a tempestade; as mesmas partes que illustrou com rayos, opprime quando he necessario com a tormenta. E nesta igualdade com que o Ceo despande luzes, & reparte sombras consiste a compostura do Vniuerso; tã to assi, que se o Ceo alterasse esta igual conformidade, logo se descomporia o mundo, & senão digao o successo de Iosué. Quando o Sol, & a Lua pararão aos imperiosos gritos deste valente Capitào, que vos parece que succedeo no mundo? Os viuentes por todas aquellas doze horas não crescerão: a geração, & corrupção das cousas, de que depende conseruarse o Vniuerso, cessou: os Antipodas assombrauão se com tão comprida noite : os de cima pasmauão com tão prolongado dia: aquelles suspirauão pella luz, estes chorauão pellas treuas: hũs imaginauão que já para elles não hauia o descanço da noite, outros cuidauão que já para elles se acabára a alegria do dia. Em fim em hum, & outro emisferio tudo erão pasmos, tudo desordens, tudo confusoens. Pois valhame Deos, quem desgouernou assi o Vniuerso? quem confundio assi o mundo? Donde tanta perturbação? Donde tanta descompostura? Donde? o mesmo texto o disse: *Ios. 10. Steteruntque Sol, & Luna donec vlcisceretur se gens de inimicis suis.* Pararão o Sol, & a Lua em quanto os Hebreos tomauão vingança de seus inimigos; & em hũa Republica onde dous Ministros, que forão e leitos para
aco-

acudir com suas luzes a todos , assistem a hum pouo particular com suas luzes: em hum mundo, onde o Sol, & a Lua despendem os resplandores para huns, & deixão em escuridades aos outros: que hauia de acontecer, senão desordens? Que hauia de acontecer, senão perturbaçoens? Particularizar o Ceo fauores : lançar a hũa parte todas as luzes, & opprimir as demais com todas as treuas, he descompor o Vniuerso. Leuem todas as luzes, & leuem todas as treuas, que nestas igualdades consiste a suaue disposição do mundo. E estas como tão importantes ao bom governo, aconselha o Amor Presidẽte aos seus Iuizes, para que como planetas politicos dos Estados repartão beneuolos a todas as partes suas luzes.

Supra singulos eorum.

Atèqui ponderamos o que fez este Amor soberano: agora ponderemos o que não fez . Naquelle glorioso ajuntamento estaua a Virgem , que era Mãe de Deos, estaua S. Pedro, que era cabeça do Apostolado: pois pergunto, porque não dece o Spiritu diuino primeiro sobre a Senhora, logo sobre Pedro, & despois sobre os demais Apostolos conforme a precedencia , que tinhaõ entre si? Ande embora igual no beneficio; porém respeite á excellencia das pessoas na repartição. Não faz isto este Spiritu diuino, sobre todos dece ao mesmo tempo sem attender a ventagens particulares de ninguem, para ensinar aos Iulgadores , que fujão de attender a respeitos, como de destruição total da justiça: porque a justiça depende toda da razão , & não val a razão onde entrão respeitos.

Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testemunhas, examinou as accusaçoens, & feitas as diligencias necessarias, declarou a razão a Christo por innocẽte:

Ego

Ioan.
19.

Ego nullam inuenio in eo causam. Instão os Escribas, & Farizeos, que visse o que fazia, porque liurar a Christo era enemistarse com Cesar. *Si hunc dimittis, non es amicus Cesaris*. E demandando no tribunal de Pilatos a verdade da razão por Christo, & o respeito de Cesar contra Christo, qual pôde mais? a razão, ou o respeito? O successo o dirá: *Tunc tradidit eis illum, ut crucifigeretur*. Mais pôde o respeito, que a razão: entregou-se Christo à morte, como requeria o respeito: & não se conserua a Christo a vida, como aconselhaua a razão. A razão dizia, que se desse liberdade a Christo, & não se liurou: o respeito dizia, que se condenasse Christo a hũa Cruz, & morreo: *Tunc tradidit eis illum, ut crucifigeretur*. Tanto como isto prejudicão respeitos na justiça.

E para que estes se desterrem totalmente dos juizos, quisera eu nos Julgadores hũa ignorancia. Ignorancia em Julgadores? si, com toda a sciencia que he bem, que tenham para a decisãõ das causas, hão de ter ignorancia das pessoas para a inteireza da Iustica. Conheça o Iuiz os meritos da causa, mas ignore as qualidades das pessoas. Saiba o que julga, não saiba de quem julga. Não pareça doutrina paradoxica, porque he arbitrio praticado pello supremo Iuiz Christo.

Matth.
25.

Residenciou Christo daquellas celebres dez Virgões, & dando sentença pellas cinco prudētes, que logo apofsou do Reyno do Ceo, deixou fóra delle destinadas aos tormentos eternos as cinco loucas, & instando ellas a pedir misericordia, lhes respondeo seueramente o Senhor, que as não conhecia: *Amen dico vobis, nescio vos*. Parece na verdade, que se implica Christo nestas palauras. Se Christo he Deos, como he possiuel que se occulte a seu conhecimento cousa algũ? Ignorancia, & diuidade
nãõ

não se compadecem juntas : nega de si que he Deos, quẽ confessa de si que ignora. Pois se Christo he Deos, que tudo conhece, como diz, que não conhece as loucas: *Nescio vos?* He entre os Expositores singular à difficuldade: mas supposto o que temos dito, parece-me a mim que desta vez hauemos de dar a razão. Verdade he que Christo como Deos conhecia muito bem as loucas, mas como nesta occasião era Iuiz, assi se ha como se as não conhecera: *Nescio vos;* porque o Iuiz recto attende às causas que julga, & desatende às pessoas de quẽ julga. Quanto aos olhos humanos muito implica esta ignorancia em Christo; porẽ se implica em Christo Deos, não implica em Christo Iuiz: em Christo Deos fora imperfeição ignorar as loucas, & por isso como Deos as conhecia: em Christo Iuiz he timbre desconhecelas, & por isso como Iuiz as igneraua. Sabia que a causa das nescias merecia condemnação; porém desconhecia as mesmas nescias que condenaua. Todo o cuidado destas imprudentes Virgens era, que Christo attentasse a quem ellas erão: *Domine, Domine aperi nobis.* Senhor abrinos a nós: ainda que conforme nossa causa merecemos ser reprovadas, com tudo vede que somos nós, reuogai a sentença, & abrinos o Ceo: *Aperi nobis.* Mas o Senhor saluou a rectidão de sua justiça na ignorancia de quem ellas erão: *Nescio vos;* não vos conheço. Como se dislera o Senhor fallando ao modo humano. Pedis-me que respeite a vossas pessoas? pois entendi que não conheço quem sois, *nescio vos:* não sei se sois nobres, se plebeas: se fermosas, se feas: se ricas, se pobres: sei o que mereceis para o juizo, não sei quem sois para o respeito: *Nescio vos.* Este dictame segue o Iuiz do Ceo: este dictame figão os Iuizes da terra. Procedão como sabios ao exame
das

das causas, & portemse como ignorantes para o conhecimento das pessoas. Saibão se ha merito para o favor, ou de merito para o castigo: não saibão a quem favorecê, ou a quem castigão: para que com a ignorancia dos julgados eitem a desordem de respectiuos. Bem assi como o Amor diuino, q̄ sem attender a priuilegios particulares, como se tratara só de merecimentos para o premio, & desconhecera pessoas para o respeito, decco ao mesmo tempo sobre todos aquelles venturosos congregados.

Isto he o que deue fazer a Iusticia: vejamos breuemente o que não deue fazer: *Hoc est autem iudicium*. Este he o juizo do mundo, disse Christo a Nicodemos. E q̄ tal Senhor? *Quia lux venit in mundū, & dilexerunt homines magis tenebras, quā lucē*. Que veyo a luz a ser julgada dos homēs, & antepuzerão os homēs as treuas à luz. Ha mais injusta sentença? A luz menos estimada, que as treuas? Donde naceo, que homens com razão julgassem tão irracionalmente? Donde? De tres grandes erros que se cometirão neste juizo: arrojamento, cegueira, & parcialidade. Vamos os vendo.

Venit lux in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem. Entrou a luz no juizo dos homēs, & sentencearão os homēs pellas treuas contra a luz. Ha tal pressa? Ha tal arrojamento? Que escaçamente se presente a luz, para q̄ a julguē: *Venit lux in mundum*, quando logo se vé cōdenada: *Et dilexerūt homines magis tenebras, quā lucē*? Assi se condena hũa luz? Mas por isso a luz se cōdena; porq̄ se cōdena assi. Se os homēs cōsiderarão de uagar por hũa parte a fermosura, & vtilidade da luz: por outra a fealdade, & males das treuas, nunca julgãrão as treuas por melhores, que a luz, mas como não ouue mais, que apparecer a luz no tribunal: *Venit lux in mundū; & arrojaremse*

jaremse os homẽs a sentençaala temerarios, condenouse a luz. *Et dilexerunt magis tenebras, quam lucem;* que juizos precepitados como sentençaõ com pouca luz, sentençaõ ordinariamente contra as luzes.

Venit lux in mundum. Veyo a luz a ser julgada, & havendo de votar o entendimento, votou a vontade: *Et dilexerunt.* E este foi o segundo erro. Sabẽ porque a luz sahio condenada neste juizo? Porq̃ foi Iuiz a vontade, & não a razão. Que ha de fazer hũa cega, senão julgar ás cegas? E onde os Iuizos se fazẽ às cegas, q̃ muito q̃ se estimẽ treuas, & se deestimẽ luzes. Avõtade como não tẽ olhos nũca acha o q̃ ha, senão o q̃ quer; & assi se quer favorecer, achará meritos nas treuas: se quer condenar, achará faltas na luz.

Dilexerunt magis: amarão mais. Eis aqui o terceiro erro deste juizo. Não propondérão os Julgadores igualmente affeioados para ambas as partes, inclinarãose mais a hũa: *Dilexerunt magis tenebras;* & a parcialidades, q̃ se hauia de seguir, senão sem razoens? Onde ha amar mais, as mesmas treuas saõ mais fermosas, q̃ a luz: onde ha amar menos, a mesma luz he mais fea, q̃ as treuas: E porq̃ neste Tribunal houue arrojamento no resolver. cegueira no votar, & percialidade no favorecer, por isso tudo forão defacertos neste Tribunal: & assi hauia de ser para se condenarem luzes, que só arrojados, cegos, & parciaes as podem condenar: & esta he a consolação que fica á luz deestimada, q̃ a não deestime, senão quẽ vota cõ pouca madurez, quẽ julga como quer, & quẽ ama mais.

Temos acabado o Sermão, & se não me engano assi a festa, como o dia influirão sufficiẽtemẽte na direcção da justiça, q̃ foi toda nossa obrigação. Conforme o texto da festa, para ser a justiça perfeita, ha de auer nos Julgadores, defatẽder a respeito, tratar igualmẽte as partes, sētẽcear com

com concordia, punir com moderação, despachar com
pressa : & são os acertos que arbitrou o Amor diuino.
Conforme o texto do dia para não ser a justiça imperfei-
ta, não ha de auer nos Iuizes fauorecer com parcialida-
de, votar com cegueira, resolver com arrojamento: &
são os erros de que acautela o Amor humano. A caute-
la destes erros, & á prosequção daquelles acertos pedia
meu officio, que exhortasse com efficacia a quem de
presente tem a seu cargo a justiça : mas porque sei que
os acertos se praticão com cuidado, & os erros se euitão
com diligencia, não he bem que offenda com exhorta-
çoens, a quem deuo engrandecer com lououres. O di-
uino Amor Presidente assista com seu auxilio a tão
ajustado Tribunal, para que vá auante : & a

nòs todos com sua graça, com que

penhoremos a gloria. *Quam*

mihī, & vobis, &c.

LAVS DEO.

A ANTONIO DE MENDOC, A.

do Concelho de Sua Magestade,
Arcebispo eleito de Braga, Pri-
más de Espanha, Cômiffario gè-
ral Apostolico da Bulla da Santa
Cruzada, nestes Reynos de Por-
tugal, Presidente da Mesa da Cõ-
ciencia, & Ordens, & Sumi-
lher da cortina do dito
Senhor, &c.



*OMO todas as cousas, por grandes
que sejam, diante de animos genero-
sos nunca passam da esphera de li-
mitadas; mais parece hũa piquena
offerta irreuerencia cometida con-
tra o acatamento devido a sua sobe-
rania, do que lisonja de hum animo
agradecido; E sendo que esta razão acouardasse em mi-
os intentos, dedicar a V. Senhoria este curto discurso
de Iusticia; com tudo por não fazer furto ao Autor dos
applausos, que lhe assegura de seu trabalho a protec-
ção*

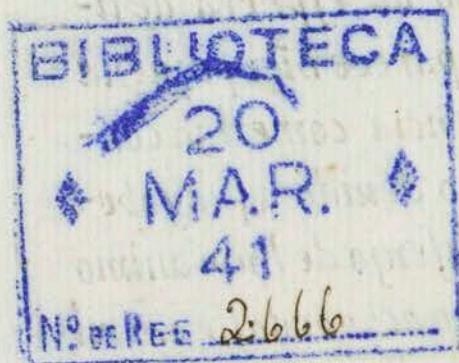
ção de tal nome, E por não mal lograr em mi os bem nascidos desejos, que tenho de que conheça o mundo por meu este favor, me atreui a appellidallo donde a vnião do sangue mo pede por obrigação; E além desta lhe offereço por amor; para que com este titulo grangee a obra o credito, que por si não alcançara; E viua izenta de calumniosas objecçoens, attribuindo este privilegio ao amparo de V. Senhoria, que a deffende, cuja pessoa o Ceo guarde, &c.

Faculdade de Filosofia

Cléncia e Letras

Biblioteca Central

O Capitão Francisco de Seixas Pinto.



n
r
o
-
a
o
o

o
n

o
n

o
n

111

16/562

